

Páginas do professorado: Um estudo sobre profissão e formação docente em periódicos católicos (anos 1930 — Brasil/Portugal)

ANA MARIA BANDEIRA DE MELLO MAGALDI

anamagaldi@superig.com.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ, Brasil

RESUMO:

O presente texto pretende produzir um exercício de reflexão sobre estratégias de formação docente encaminhadas através da imprensa católica, considerada importante meio de moldagem de almas. Em um esforço comparativo, estará sendo conferida atenção a seções semanais publicadas em jornais católicos diários que circularam no Brasil e em Portugal, nos anos 1930, e que elegem os professores como destinatários de suas mensagens.

PALAVRAS-CHAVE:

Imprensa católica, Formação docente, Catolicismo e educação, História da educação comparada Brasil-Portugal.

IMPrensa CATÓLICA E CENA EDUCACIONAL

A imprensa católica tem se mostrado como importante fonte e objeto de pesquisa para a história da educação. O assumido viés doutrinário de que se reveste, ao procurar moldar consciências em sintonia com o projeto católico, traduz uma marca educativa expressiva, considerando-se aqui a noção de educação em uma perspectiva ampliada.

Nos anos 1930, a Igreja Católica esteve fortemente envolvida na condução, em nível internacional, do movimento de Ação Católica. Estimulado por suas instâncias hierárquicas de inúmeros países, como Brasil e Portugal, esse movimento foi encaminhado por meio de múltiplas organizações, congregando setores sociais diferenciados. Nesse projeto de mobilização dos leigos sob a orientação da hierarquia da Igreja Católica, no sentido do combate ao que era representado como os males que assolavam a sociedade da época, provocados pela disseminação do laicismo e de outros valores identificados com a modernidade, conferiu-se à imprensa um papel-chave.

Na sociedade brasileira da época, as ações conduzidas pela Igreja e em especial pelo movimento católico, organizado institucionalmente desde a década anterior, tiveram no campo educacional um alvo da maior importância. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, configurava-se um novo campo de possibilidades¹ para aquele movimento, mobilizado, entre outros eixos, em prol do retorno das aulas de ensino religioso nas escolas pú-

blicas, abolidas por ocasião da implantação do regime republicano, em 1889. Nesse quadro político do início da década de 1930, pautado pela indefinição, intensos debates e disputas acirradas se desenvolveram em torno da política educacional do novo regime, confrontando os educadores católicos com outro grupo de educadores que compartilhavam, em linhas gerais, o ideário da Escola Nova — comumente identificados como “escolanovistas”²—, defensores de um modelo de escola pública laica e também desejosos de produzir interferência na vida educacional brasileira. Diante da instabilidade observada quanto aos rumos do país, a imprensa católica atuou nos debates no sentido de fomentar a unidade em torno dos princípios da Igreja, contribuindo para a obtenção de vitórias expressivas junto ao regime de Getúlio Vargas, entre as quais se situou com destaque o retorno do ensino religioso nas escolas públicas brasileiras, em 1931.

Também em Portugal, sob a égide do regime salazarista, cuja aproximação da Igreja é uma marca conhecida, inclusive no âmbito educacional, observa-se um investimento significativo no estabelecimento de consensos em torno de um credo político e religioso, tarefa que será desenvolvida, do mesmo modo que no Brasil, entre outros meios, pela imprensa católica. No contexto focalizado, o regime já havia sido institucionalizado, vigorando, desde 1933, o Estado Novo. E, ainda que este não tenha se estabelecido como um Estado confessional, “apontou à hierarquia da Igreja a tarefa da ‘recristianização’ do país, após décadas de secularização

republicana e liberal, fechando-lhe, por desnecessária, a esfera política e abrindo-lhe a esfera social e religiosa” (Pinto, 2007, p. 35). Nesse quadro, o “reforço da unidade dos católicos, a secundarização das divisões políticas e o desenvolvimento de um projeto de recristianização da sociedade implicavam o desenvolvimento da imprensa católica” (Fontes, citado em Barreto & Mónica, 2000, p. 247).

Tanto no Brasil, quanto em Portugal, circularam, à época, periódicos católicos de tipos diversos, alguns dos quais dedicados mais particularmente ao tema educacional. No interior desse conjunto, situam-se também, nos dois países, jornais diários, dotados de um escopo abrangente e destinados a um público diversificado, nos quais, em meio a páginas dedicadas a matérias e reportagens variadas, acompanhando o dia-a-dia de sua sociedade em seus múltiplos aspectos e também os acontecimentos internacionais, o caráter de formação de almas católicas se evidencia com grande relevo.

Se, no caso da imprensa católica, o perfil educativo/doutrinário aparece como uma marca compartilhada, observa-se, entre as publicações assinaladas, algumas que tiveram como destinatários privilegiados os professores. Isso porque, para além da importância conferida, de longa data, pela Igreja e, em especial, pelas ordens religiosas, à formação de docentes em espaços institucionais específicos, eram valorizadas outras iniciativas também dotadas de viés formativo. No caso da sociedade brasileira, merecem destaque as múltiplas estratégias editoriais acionadas pelo movimento católico — assim como também o foram pelo movimento da Escola Nova (Carvalho, 1994, 1998a), muitas das quais tendo docentes ou futuros docentes como destinatários principais.

Entre essas intervenções conduzidas no campo editorial, situa-se, por exemplo, no campo católico, a *Revista Brasileira de Pedagogia*, que possuía como uma marca interessante a do diálogo estabelecido com as proposições *escolanovistas*³. Nessa publicação dirigida a professores e professoras, esse viés de aproximação pode ser observado a partir do exame das seções voltadas para temáticas pedagógicas, cujo tratamento apoiava-se em diversos campos de saber que se afirmavam crescentemente então, em um tempo em que o próprio campo educacional também se constituía, na sociedade brasileira.

Seções como “Filosofia e Psicologia Educacionais” e “Sociologia Educacional”, dedicavam-se à publicação de artigos diversos concernentes a essas áreas do conhecimento pedagógico, crescentemente valorizadas em um quadro de constituição dos “especialistas em educação”. Nas páginas da revista podem ser encontradas também, constantemente, indicações de leitura úteis para educadores, estratégia voltada para o embasamento de sua prática educacional. Num cenário marcado pela progressiva cientificização dos saberes pedagógicos e das práticas educativas, pode-se observar que os educadores católicos, ainda que se confrontassem com os *escolanovistas* em vários aspectos, como o da defesa da escola laica e da co-educação, incorporavam outras de suas formulações. Em especial, valorizavam aquelas relacionadas diretamente à prática pedagógica, ao “como ensinar”, aspecto considerado valioso na formação de um educador, pela aplicabilidade e eficácia que as proposições *escolanovistas* vinham demonstrando na época. Essa marca, observada na revista em questão, deu o tom, por exemplo, da seção, também publicada com regularidade e intitulada “Debates sobre a Escola Nova”.

O que se observa, no caso dessa revista, é um forte investimento no sentido da transmissão de conhecimentos considerados de importância para a formação docente e para a atualização permanente dos educadores, tendo como apoio referências então valorizadas em termos pedagógicos. No caso da revista portuguesa *Edificar* (1935-1944), temas pedagógicos e religiosos também eram tratados, como forma de fornecer apoio ao trabalho dos educadores⁴.

FOLHEANDO AS PÁGINAS DO PROFESSORADO

Não foram apenas as revistas voltadas para temas educacionais que abriram espaço, em suas páginas, para a questão da educação. Esta também compareceu com destaque na imprensa diária brasileira, aspecto demonstrativo da força dos debates educacionais em curso nos anos 1930⁵. No campo católico, assumiu importância o jornal mineiro *O Diário*, publicação da Arquidiocese de Belo Horizonte, editada pela Associação da Boa Imprensa, órgão ligado ao movimento de Ação Católica. Apesar de editado em

Belo Horizonte, o jornal circulava para além dessa cidade e mesmo do estado de Minas Gerais, atingindo, por exemplo, o Rio de Janeiro, capital da república, que não possuía seu próprio diário católico.

O jornal começou a ser editado em 1935, num quadro político diferente daquele característico do início da década, mas ainda pouco consolidado em termos da política educacional. Apesar do retorno do ensino religioso às escolas estatais, este ainda era um aspecto duramente combatido pelos educadores defensores da laicidade do ensino público, num momento em que se encaminhavam discussões em torno da formulação de um Plano Nacional de Educação, que deveria definir um modelo único de educação para o país, sendo por isso importante a reafirmação das posições da Igreja. No que se refere à feição do regime varguista, assistia-se, em 1935, a um processo crescente de fechamento dos canais de participação política da sociedade, com o regime adotando progressivamente um viés autoritário, o qual, no entanto, somente se consolidaria de forma definitiva com o golpe de novembro de 1937. Neste momento, seria instaurada oficialmente a ditadura do Estado Novo, sendo, inclusive, digno de nota que o novo regime fosse batizado com o mesmo nome dado ao regime português então vigente, tal como vêm assinalando outros estudos comparativos⁶. No contexto apresentado, a Igreja Católica e seus representantes se constituíram em parceiros destacados do regime varguista, aproximando-se, por exemplo, na defesa de posições de autoridade e no anticomunismo. Essa sintonia seria observada de forma particular no campo educacional, o que pode ser aferido, por exemplo, pela presença constante de lideranças católicas no gabinete do ministro da Educação Gustavo Capanema.

No jornal *O Diário*, passou a ser publicada, em julho de 1936, uma seção dirigida a professores, a *Página do professorado*, sob a responsabilidade do Padre Guilherme Boing, apresentado como presidente do Centro Regional de Minas Gerais de Professores Católicos, seção da Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE)⁷. A *Página*, semanal, foi publicada durante um período de sete meses, incluída comumente num suplemento dominical que trazia, ainda, outras seções destinadas a outros atores também considerados estratégicos na construção de uma “nação católica”: as mulheres e as crianças.

A existência de seções dirigidas a professores nesse jornal, no entanto, não se resumiu a essa página. Tanto num período anterior, quanto posterior à sua publicação, outras seções também compareceram nas páginas do jornal. Quando a *Página do professorado* passou a ser editada, o espaço dedicado a temáticas educacionais assumiu periodicidade semanal, sendo ainda ampliado, ao passar a ocupar uma folha inteira do suplemento, que incluía matérias diversas, artigos de autoria de educadores brasileiros, traduções de textos de cunho educacional, resenhas de livros, sugestões de obras didáticas, cartas dos leitores, estórias de cunho religioso, propagandas, notícias sobre a carreira do professorado, além de textos opinativos de Pe. Boing. Nestes artigos, observa-se que o responsável pela página dedicava-se a temas variados que diziam respeito à vida dos professores, como o da defesa dos interesses profissionais do magistério, de seu prestígio e de sua preparação adequada, posição com base na qual exortava seus leitores a se agruparem em “congregações e associações especiais para, cada vez melhor, cultivarem o espírito, as quais são bem dignas de serem louvadas e promovidas como poderosas e nobilíssimas auxiliares da ‘Ação Católica’” (*O Diário*, 26/7/1936, p. 6). Desse modo, Pe. Boing também estimulava o engajamento de seus leitores ao Centro regional da CCBE, que presidia. Tratava ainda da formação conduzida nas escolas normais, que considerava de qualidade deficiente, defendendo por isso reformas, com vista a torná-la mais apropriada para o exercício daquela que considerava “‘a arte das artes’ (...), de dirigir e formar a juventude” (*O Diário*, 26/7/1936, p. 6).

O funcionamento de outros aspectos do sistema de ensino brasileiro também foi alvo de suas críticas, assim como a pouca eficácia do ensino religioso, a seu ver excessivamente intelectualista. Nessa matéria, defendia ações voltadas para aproximar o ensino religioso da vivência dos alunos, de modo a que estes introjetassem as verdades essenciais da fé católica. Essa preocupação, indicando a necessidade de investimento na qualidade do ensino religioso já adotado no país, se constituiu no foco principal do II Congresso Nacional de Educação Católica, evento de repercussão nacional, realizado em outubro de 1937, em Belo Horizonte, sob a presidência de Pe. Boing e noticiado com destaque na *Página do professorado*⁸.

Essa questão se relacionava, por sua vez, com a idéia de educação integral, constantemente defendida na seção analisada, assim como o era no âmbito dos posicionamentos escolanovistas — ainda que numa perspectiva bem distinta —, à medida que Pe. Boing, assim como seus pares, não concebia a possibilidade de os professores educarem integralmente seus alunos, sem o concurso da formação religiosa de base católica. Educação, nesse caso, apresentada num registro muito diferente do da instrução. E que deveria envolver a construção de um lugar de autoridade por parte do professor, compreendido não a partir da imposição, atitude vista como ineficaz e que provocaria a reação contrária dos alunos, mas como um lugar construído e legitimado a partir do exemplo a ser fornecido pelo educador, apoiado em valores morais consistentes e aferido através de sua prática.

Se o tema da autoridade era apresentado pelo editor da seção como um “dos mais difíceis problemas (...) sobretudo no nosso tempo no qual reina o espírito e a tendência à liberdade” (*O Diário*, 8/11/1936), outros aspectos das “novidades pedagógicas” da época, comumente identificadas ao escolanovismo, também eram objeto de questionamentos na *Página do Professorado*. Em artigo publicado na primeira edição da seção, Pe. Boing assinalava, defendendo a adesão a referências seguras frente à desorientação provocada pelas novidades trazidas à tona no campo educacional: “também hoje em dia, muitos se sentem surpreendidos e empolgados pelas ‘novas’ ideias pedagógicas ou carecem de firmeza de caracteres e de convicção religiosa para não sucumbir diante do espírito pedagógico de nossa atualidade” (*O Diário*, 19/7/1936). Apesar dessa situação ameaçadora, a visão transmitida pelo educador, ao prosseguir em sua reflexão, era de que as novas ideias não deveriam absolutamente ser rechaçadas automaticamente: “um afastamento egoísta com respeito à intensa ação pedagógica do tempo atual nem é razoável, nem apologético, nem conforme o espírito da encíclica pontifícia. Ao mesmo tempo devemos ter a coragem de examinar a moderna pedagogia segundo seu valor e combater sua parcialidade ou até mesmo seu espírito anti-cristão”.

O que se pode observar a partir do exame da *Página do professorado*, e em especial dos artigos de seu editor, é o intento de serem produzidos consensos no seio do magistério católico, de modo a prepará-lo

para os desafios enfrentados e a enfrentar. Buscava-se atingir essa meta, tanto através da divulgação de conhecimentos pedagógicos — por meio de artigos e da divulgação de livros —, quanto do reforço da preparação espiritual, também considerada um elemento crucial para a construção do bom professor católico. Assim, ainda que representações de vocação e de eleição/missão divina pudessem se mostrar presentes na seção analisada, é dado destaque, nesse mesmo espaço, à noção de um professor em construção, em preparação permanente, processo para o qual a *Página do professorado* procurava contribuir.

Ainda sobre as imagens de professor que emergem das páginas focalizadas, observa-se que elas não valorizavam, de modo geral, um acento de gênero. O autor dos artigos dirigia-se, por exemplo, a “professores”, a “professores e professoras”, a “educadores”, a “mestres”, ao “professorado”, indicando uma referência genérica a um contingente de atores envolvidos nas práticas educativas e que, ao menos no nível do ensino primário, já se mostrava, tanto no Brasil, quanto em Portugal, como majoritariamente feminino. Essa forma de abordagem pode ser compreendida pelo fato de professores do ensino secundário e superior também serem constituídos como destinatários da seção, integrando o grande agrupamento do “professorado católico”, o qual, independentemente do nível de ensino em que atuasse, deveria desempenhar a mesma missão doutrinária e civilizadora em nome da Igreja, inspirada, por sua vez, pelo exemplo de Jesus Cristo.

No caso das professoras, ainda que não tenham sido constituídas como destinatárias especiais das mensagens veiculadas, apareciam como objeto da análise do autor dos artigos, em matérias referentes a dois temas. Por um lado, Pe. Boing assumia-se a favor do celibato pedagógico, defendendo a conveniência de a mulher, ao se casar, afastar-se do magistério. Por outro lado, são apresentadas ainda, de forma pontual, críticas dirigidas às professoras que não se portariam de forma condizente com os padrões de moralidade considerados apropriados para o exercício de sua função. Cabe lembrar que, naquela ambiência, se a questão moral situava-se como um aspecto fundamental na constituição de qualquer educador católico, sobre a mulher professora as exigências de moralidade e virtude eram definidas, em ambas as sociedades focalizadas, com

base em parâmetros muito mais rigorosos, o que se deve compreender a partir de uma perspectiva de gênero, indicativa da definição dos lugares e dos papéis sociais atribuídos aos sujeitos e deles e demandados na vida social. Numa nota intitulada “Lá em Portugal” — demonstrativa das aproximações estabelecidas com a sociedade portuguesa —, por exemplo, são apresentadas referências elogiosas a uma regulamentação estabelecida naquele país, por meio da qual se impedia que a professora pintasse seu rosto, ou se vestisse com roupas pouco recatadas (*O Diário*, 26/7/1936).

No mesmo período de publicação da *Página do professorado* brasileira, o jornal católico português *Novidades* publicava também uma página de formato bastante semelhante. Também o título fazia lembrar a congênere brasileira: *Página escolar*. No caso da seção portuguesa, sua edição se deu durante um período muito mais longo, situando-se desde 1927 até 1937, quando foi substituída por um suplemento chamado *Ação Escolar*, que seria editado por muitos anos. A responsabilidade sobre a mesma esteve nas mãos de Antônio Leal, educador, colaborador de diversos outros periódicos católicos e presidente, à época, da Liga Escolar Católica (Remédios, 2003, p. 13). A *Página* incluía, por exemplo, artigos opinativos não assinados, o que sugeria serem de responsabilidade da editoria, além de artigos assinados por outros autores, respostas a consultas de professores e informações sobre revistas recebidas, de interesse para professores.

No caso dessa seção portuguesa, no período focalizado de modo particular, que é o que coincide com a publicação da seção brasileira, situada entre 1936 e 1937, e considerando-se em especial os artigos opinativos da editoria, observa-se a existência de pontos de contato em relação à *Página* brasileira, quanto aos temas tratados, relativos à vida educacional e ao papel social do professor.

Do mesmo modo, é defendida a ideia da educação integral, incluindo necessariamente a dimensão da educação religiosa. Os leitores educadores são, ainda, orientados no sentido da conveniência de estabelecer contato com as novidades pedagógicas então apresentadas, como se observa das palavras: “ao escol pedagógico católico não pode ser estranho o movimento intelectual que vai pelo mundo no domínio da pedagogia. Precisa de estar a par do que se

diz e do que se faz e filtrar todos os conhecimentos pelo seu critério próprio, esclarecido pelas verdades fundamentais da sua fé” (*Novidades*, 19/1/1937)

A ciência é valorizada em sua aplicação educacional — relativa à psicologia experimental, por exemplo —, sendo assinalado, no entanto, que a “educação apoiada só nos dados das ciências positivas, (...) é a mais perigosa (...)” (*Novidades*, 19/5/1936) Por isso, a dimensão doutrinária do papel do professor, definida em nome de Deus e da Pátria, era enfatizada na seção.

Nessa direção, o professor era assinalado no exercício de uma ação educativa ilimitada, sendo a relevância de sua função referendada pelo ministro da Educação Nacional, Carneiro Pacheco, cujo comparecimento frequente na *Página escolar* é digno de nota. Nas páginas da publicação portuguesa, a presença direta de uma voz representante do núcleo de poder estatal apresenta-se como um importante indício da forte parceria entre a Igreja e o regime salazarista, divulgada para os professores, de modo a engajá-los na mesma. Esse foi o caso, por exemplo, da reforma educacional encaminhada pelo mesmo ministro, muito elogiada na seção e que possuía como uma de suas decisões a da colocação obrigatória de crucifixos nas escolas primárias. Essa decisão, por sua vez, foi noticiada e comentada positivamente em várias edições da *Página escolar*, de modo a reforçar a adesão e o engajamento dos educadores, estimulando-os a servir tanto a Deus, como à Pátria, que assumia o catolicismo como religião oficial. Ainda de modo a completar a tríade do regime, a Família foi também uma instituição que se constituiu em alvo de muitos artigos da seção, cuja abordagem situava-se no sentido de marcar seu papel essencial na formação dos indivíduos, de cuja colaboração a escola não poderia prescindir.

O viés espiritual e doutrinário como marca fundamental da educação e do papel docente, enfatizado na seção, justificava-se, em grande medida, devido às ameaças representadas pelo comunismo — e o caso da Espanha, em guerra civil, era apresentado como exemplo da suposta realidade do perigo — e à necessidade de combatê-las. E, segundo era assinalado na seção, “tem de ser cristã a pedagogia anti-comunista” (*Novidades*, 15/6/1936). No que se refere ao anticomunismo, as aproximações em relação à *Página* brasileira são evidentes, sendo observável, também

nesta última, a referência recorrente ao caso espanhol, apresentado como exemplo negativo, em um cenário internacional pontuado pelos radicalismos políticos.

Com base na reflexão desenvolvida, pode-se considerar que as seções dos jornais diários, brasileiro e português, dirigiam-se aos professores, com a intenção de cimentar sua unidade em torno dos princípios católicos, fazendo com que estes se constituíssem, mais e mais, em elementos conformadores da identidade nacional de seus países. As palavras do ministro português já citado, em um artigo publicado na *Página escolar*, sublinhavam a importância da missão atribuída aos professores: “o mestre não é um burocrata, mas um modelador de almas e de portugueses” (*Novidades*, 23/6/1936). As mesmas seções buscavam, ainda, fornecer aos mestres preparo acerca das questões pedagógicas e profissionais, apresentadas em articulação indissociável com a dimensão religiosa.

E ainda que pudessem ser observados, nos artigos publicados nas duas seções, elementos próprios a cada uma das sociedades em particular, em ambas as *Páginas* observam-se referências mais gerais ao papel do professor relacionado à efetivação de um projeto de nação católica. Merece ainda destaque a presença, tanto na *Página do professorado*, quanto na *Página escolar*, de elementos indicativos de formas de conexão entre os países, envolvendo a circulação de idéias católicas.

Mas, para além do foco nos cenários nacionais, e na circulação de ideias estabelecida entre Brasil

e Portugal, devem ser observadas ainda, na análise dessas páginas, a sua inscrição em um projeto doutrinário e político bem mais abrangente, definido a partir das instâncias hierárquicas da Igreja Católica, cujas diretrizes eram — como ainda são — disseminadas universalmente⁹. Deve-se considerar, portanto, a configuração de uma extensa rede institucional de caráter transnacional, dotada de um grau significativo de coesão, ainda que se deva assinalar, por outro lado, a expressão de singularidades nas formas de apropriação e de condução dessas diretrizes por parte das instâncias hierárquicas de cada país, dos diferentes setores do movimento de Ação Católica desses países, assim como dos órgãos da imprensa católica. A ideia de uma conexão “pelo alto”, conduzida a partir de um núcleo de poder definido, torna-se útil, então, para a análise das seções dos jornais católicos, contanto que não seja considerada como um ponto de vista fixo. Assim, o recurso a diferentes “escalas de observação” (Revel, 1998), com a ampliação ou a diminuição do foco dirigido ao objeto — passível de ser pensado, tanto na perspectiva mais ampliada da *imprensa católica*, quanto naquela que envolve a atenção a publicações específicas editadas em sociedades diferentes —, pode mostrar-se interessante para a reflexão sobre as diversas camadas de significados que emergem da leitura das *Páginas* católicas dirigidas ao professorado.

1. Sobre a noção de campo de possibilidades, cf. Velho, 1994.

2. Cabe assinalar que ambos os rótulos com que se nomeiam os grupos em questão envolvem uma forte imprecisão, sendo conveniente considerar a existência de inúmeros matizes no interior de cada um.

3. Estudos relevantes no âmbito da historiografia da educação brasileira vêm problematizando a noção de que o grupo católico e o *escolanovista* se encontrariam em posições estanques, marcadas pela polaridade. Trabalhos como os de Marta Carvalho, entre outros, têm chamado a atenção para as interfaces entre os grupos, sublinhando a existência de apropriações — ainda que fortemente seletivas — de proposições *escolanovistas* por educadores católicos, configurando o que aquela autora conceitua como *escolanovismo católico* (Cf. Carvalho, 1994, 1998b e 2003; Magaldi, 2007 e Sgarbi, 1997).

4. Não foi possível, até o momento, realizar uma análise criteriosa desta revista, de modo a investigar, por exemplo, se também seria observado diálogo, como na revista brasileira, com as idéias escolanovistas. Cabe assinalar que *Edificar* teve outras publicações que a sucederam, o *Boletim Mensal da LEC* (1945) e *A Nossa Escola* (1946/1974), também fontes de pesquisa valiosas para a investigação sobre nossa temática em outras temporalidades.

5. Cf., por exemplo, a *Página da Educação*, publicada diariamente no jornal carioca *Diário de Notícias*, no período de 1930 a 1933, sob a responsabilidade da poetisa e educadora Cecília Meireles, defensora das proposições da Escola Nova (Cf. Magaldi, 2007, Cap. 2).

6. Cf., por exemplo, Martinho e Pinto, 2007.

7. A CCBE, fundada em 1933, foi uma instituição que emergiu na cena educacional brasileira, a partir do afastamento dos educadores católicos em relação aos escolanovistas, antes situados lado a lado nas fileiras da Associação Brasileira de Educação (ABE), criada em 1924.

8. Sobre este evento, cf. Narcizo, 2008.

9. Cf., no caso da educação católica, a encíclica *Divini Illius Magistri*, de Pio XI, de 1929.

Revista Brasileira de Pedagogia. Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação (1934/1938).

O Diário. Belo Horizonte: Associação da Boa Imprensa (1936/1937).

Novidades. Lisboa: União Gráfica (1936/1937).

Edificar. Lisboa: Liga Escolar Católica (1935/1944).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, António & MÓNICA, Maria Filomena. (2000). *Dicionário de história de Portugal*. Lisboa: Figueirinhas.

CARVALHO, Marta M. Chagas de (1994). Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). *Cadernos ANPED* (Belo Horizonte), 7, pp. 41-60.

CARVALHO, Marta M. Chagas de (1998a). A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In Luciano Mendes FARIA FILHO (org.), *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 65-86.

CARVALHO, Marta M. Chagas de (1998b). *Molde nacional e fôrma cívica*. Bragança Paulista, SP: EDUSF.

CARVALHO, Marta M. Chagas de (2003). *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello (2007). *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argymentvm.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes & PINTO, Antônio Costa (2007). *O corporativismo em português. Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

NARCIZO, Rodrigo Mota (2008). *Ministro de Deus, portador da luz: ações e discursos católicos de modelação docente na década de 1930*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Educação — ProPEd — UERJ.

PINTO, Antônio Costa (2007). *O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do*

- século XX. In Francisco Carlos Palomanes MARTINHO & Antônio Costa PINTO, *O corporativismo em português. Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 17-43.
- REMÉDIOS, Maria José (2003). O jornal católico *Novidades*. *Revista Brasileira de História da Educação* (Campinas: Autores Associados), 6 (jul./dez.), pp. 9-27.
- REVEL, Jacques (org.) (1998). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: EdFGV.
- SGARBI, Antônio D. (1997). *Igreja, educação e modernidade na década de 30. Escolanovismo católico: Construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP.
- VELHO, Gilberto (1994). Memória, identidade e projeto. In Gilberto VELHO, *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 97-105.

